

“Batuque” e a crítica*

Machado Coelho

Creio que foi Humberto de Campos, se não me engano que, estudando a poesia nova do Brasil, salientou como a sua principal vantagem a nacionalização dos assuntos.

Antes do movimento renovador que veio traçar novos moldes para o verso, libertando-o da trena decassilábica de Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, Raimundo Corrêa e outros, nossos poetas cantavam de preferência aos velhos temas que os mestres franceses haviam explorado em primeira mão, tirando-lhes, portanto, o interesse e a novidade.

Vicente de Carvalho, que também pertencia àquela falange escrava, chegou a pressentir isso, quando fala num poema na *maqueação cabocla do europeu*.

Foi essa *maqueação* a que aludiu o poeta, aliás sem propósito algum de crítica, o que sempre dominou e predominou na poesia brasileira — colonial, romântica, parnasiana ou simbolista — pois em qualquer dessas fases ou escolas estão do outro lado do Atlântico os figurinos e modelos.

Acondem-se estas considerações ao reler agora **Batuque**, livro de poemas selvagens de Bruno de Menezes, poemas com o gosto do *terroir*, porque cheios de expressão, de naturalidade, de colorido, de pensamento, de tudo, enfim, que é de nossa terra e de nossa gente.

Vamos lendo Bruno de Menezes e ao mesmo tempo pondo-nos em contacto com a atualidade das coisas, ouvindo a voz de nosso povo, apreciando a pinta dos ambientes caseiros, assistindo caboclos conduzirem mastros festivos, pretos velhos beberem cachaça, mulatas “passarem” fogueiras, pajés fumarem liamba...

Batuque é por isso mesmo um livro que vai ficar, pois espelha a feição de nosso folclore e reflete o sentimento de nossas tradições, ambos desvirtuados ainda por essa tatuagem de falsa civilização latina.

* Publicado em “A Província do Pará” - “Sapos e Estrelas” - 4.8.93